

## Demoiselles católicas e *misses* protestantes: dois modelos antagônicos de educação no século XIX<sup>1</sup>

Gabrielle Houbre

Universidade Paris VII – Denis Diderot/IUF

Tradução: Maria H. G. Mamigonian

Revisão Técnica: Marlon Salomon

### Resumo:

Na França do século XIX, as jovens das elites eram educadas sob rígidos princípios católicos : predominavam, assim, as tutelas da mãe e da Igreja , bem como os valores da inocência e da virgindade, em uma educação que as separava escrupulosamente do sexo masculino. Entretanto, a partir da Monarquia Censitária, surgiram críticas a este modelo educacional que acabava formando jovens simplórias, o contrário das *misses* protestantes, jovens inglesas e americanas emancipadas, educadas nos princípios do *self government* e experientes - sobretudo pela prática do flirt - nas relações com o sexo masculino. Na *Belle Epoque*, a comparação entre os dois modelos de educação tornou-se um tema freqüente na literatura e se impôs como importante questão social.

**Palavras-chave:** Mulheres - Educação - Amor - Anglo-saxônicas - Literatura

A educação das jovens oriundas da burguesia e da aristocracia, na França do século XIX, foi constantemente questionada. Modelo herdado da Contra-Reforma e da Contra-Revolução, ela se desenrolou a partir da Restauração sob a tutela estrita da família - sobretudo através da orientação materna - e da Igreja. O estado monárquico preferiu concentrar seus esforços na educação dos meninos. Inteiramente dedicada ao culto do matrimônio, a educação se fazia em função de imperativos sociais e culturais definidos : o código civil submetia a jovem à autoridade paterna e depois marital, a sociedade lhe exigia procriar e educar seus filhos. Sob esta perspectiva, a concepção da formação adaptada às moças atribuiu prioridade absoluta a preceitos e comportamentos morais - senão espirituais - preocupados principalmente com a virgindade, a “inocência” e a obediência.

Esta educação foi pouco exigente com a qualidade da instrução oferecida às *demoiselles* , assim como foi considerada secundária no que diz respeito à preparação prática para os deveres de uma dona de casa e para as regras da boa educação ; de qualquer modo, ela quase não permitia o desabrochar das personalidades. Sofreu igualmente críticas bastante severas e pontuais a partir da Restauração e da Monarquia de Julho<sup>2</sup>, mas foi durante o Segundo Império que se banalizou o questionamento do modelo educacional católico de obediência, em vigor tanto na França quanto na Itália e na Espanha<sup>3</sup>, e que se impôs a comparação com o modelo inglês, seguido do americano, com raízes, desta vez, na cultura protestante.

Questões relativas aos tipos de formação intelectual, moral e prática adequadas a uma jovem, ou relativas ao modo e ao grau de participação direta desejados por ela própria em seu processo de educação, assim como questões relativas à definição de seu comportamento diante do sexo masculino alimentaram debates que se prolongaram com a promulgação das leis republicanas em favor do ensino secundário público das meninas, no

início do anos 1880. Parceiros transgressores, por definição, do jogo das mutações sociais, os escritores se intrometeram na discussão.

### **Tutela versus *self government***

Na França, a educação das meninas se desenrolou, durante todo o século XIX, sob a autoridade incontestável da mãe e da Igreja, no círculo das famílias ou por intermédio das congregações religiosas que dispunham de conventos ou pensionatos<sup>4</sup>. Chegando ao poder, os Republicanos instauraram uma instrução primária e secundária pública para as meninas (leis Ferry e Camille Sée, dos anos 1880), porém a influência do clero no interior das famílias continuou grande. Cedo, as jovens aprendiam com sua mãe e seu confessor o que era bom e o que era mau, assim como a submissão sem escândalo às regras de civilidade.

Esta pedagogia foi substituída pela leitura de uma obra literária edificante e prolixa, *Conseils à ma fille* (Conselhos à minha filha) de Jean-Nicolas Bouilly, cujos exemplares foram reeditados perto de vinte vezes entre 1812 e 1878. Por trás da ficção de historietas insossas, estes conselhos compunham o arquétipo do manual de educação moralizador, muito bem ridicularizado neste aspecto pelo irreverente Jules-Joseph Bourdet, em uma litografia de 1837<sup>5</sup>. Inevitavelmente acompanhadas por uma dama de companhia sempre que saíam, as jovens não tinham oportunidade de desenvolver seu espírito de iniciativa, contentando-se simplesmente em satisfazer as exigências da sociedade.

Já em 1824, a condessa Claire de Rémusat, em um trabalho singular e inovador intitulado *Essai sur l'éducation des femmes* (Ensaio sobre a educação das mulheres) avaliava o caráter limitado do sistema educacional francês que levava à uniformização da jovem: “Nossas meninas se parecem entre si. Educadas da mesma maneira, condenadas à mesma insignificância, exigimos de sua juventude que nos mostrem apenas as qualidades indispensáveis ao elogio banal que é dirigido a uma jovem em processo de formação<sup>6</sup>. Na época em que os reacionários assumiram o poder e prepararam ostensivamente o terreno para um moralismo católico tacanho, a obra de Claire de Rémusat defendia a idéia de uma educação para as demoiselles feita através do discernimento, onde “o regulador da liberdade fosse a consciência”. Com isto, a obra se aproximava, sem no entanto alcançar plenamente, da pedagogia protestante do livre arbítrio que queria que a jovem aprendesse por si própria a discernir o que era ou não condenável.

Pensamos aqui no célebre tratado de Mme. Necker de Saussure, *L'Education progressive* (A Educação progressiva), publicado em 1828 e reeditado diversas vezes, mesmo durante a IIIa República. Nele, ela insistia na necessidade tanto para a menina como para o menino, de se engajarem ativamente no processo de sua própria educação, sugerindo que a autoridade dos pais desaparecesse pouco a pouco<sup>7</sup>. Sem dúvida influenciada pela obra da pedagoga suíça, Nathalie de Lajolais dedicou um capítulo inteiro de sua *Education pratique des femmes* (1841) (Educação prática das mulheres) às diferentes maneiras de “levar o aluno a exercer seu livre arbítrio” e pediu a mesma “educação” sobre sexo que recebiam as *misses*<sup>8</sup>, porém, ficou bastante isolada durante a Monarquia de Julho.

Na verdade, o princípio do questionamento solitário do indivíduo - do qual Deus é o único interlocutor - era pouco compatível com o diálogo entre a demoiselle e seu confessor, conhecido por alternar freqüentemente interesses dos pais e interesses sociais: “Quanto abuso de bons sentimentos e de coisas santas, da piedade filial, da vontade divina intervínham pela voz do confessor, botando nos lábios de uma criança que não

sabia nada nem de si própria nem da vida, um insignificante sim”, denunciaria Marie d’Agoult em *Souvenirs* (Lembranças), lembrando a insistência com que o abade Galard lhe sussurrava, a cada vez que ela ainda jovem ia confessar-se, sua esperança de abençoá-la, em breve no altar<sup>9</sup>.

O preceito do *self government* incutido nas jovens anglo-saxônicas fascinava os observadores franceses, porém não foi suficientemente convincente para que eles desejassem aplicá-los em suas filhas. Tocqueville (*De la démocratie en Amérique, 1835 e 1840*) (Da democracia na América) o considerava como um dos elementos da superioridade das americanas; Alfred Almbert achava que ele contribuía para torná-las “invulneráveis”: “Os preceitos recebidos no berço incutem no espírito uma rigidez que se transforma em salvaguarda e proteção para toda a vida. Uma jovem aprende que deve cuidar de si própria, que existem limites que não devem ser ultrapassados; ela sabe que se por um instante relaxar a sua proteção, perderá seu prestígio”. (*Flânerie parisienne aux Etats-Unis, 1856*)<sup>10</sup> (Passeio parisiense nos Estados Unidos).

As feministas não deixaram de saudar a tradição anglo-saxônica que atribuía, bem cedo, responsabilidade às meninas. Em 1871, voltando dos Estados Unidos, Olympe Odouard observava: “Vejo, no sentimento que leva ingleses, americanos e também alemães a confiarem à própria jovem a guarda da sua honra, algo de digno e elevado; é o maior sinal de respeito que se possa ter para com a mulher”<sup>11</sup>.

Não era tanto a responsabilização das meninas que assustava os pedagogos franceses: muitos, a exemplo da condessa Dash, estavam prontos a reconhecer que havia coisas boas no modelo anglo-saxão<sup>12</sup>. Porém, o *self government* quando associado à educação das meninas, foi radicalmente rejeitado, por duas razões principais. Primeiro, porque ela significava para os católicos franceses a falência da autoridade dos pais. Habilitados pelo código civil napoleônico a exercê-la de modo total e completo, eles se mostraram na realidade desconcertados e mesmo chocados com a relativa autonomia, das *misses*, sobretudo as americanas, com relação a seus pais: “A família americana constituída como a nossa, não repudia menos nossos hábitos de dominação do pai e da mãe (...). Assim, a jovem consulta apenas suas vontades e caprichos para uma quantidade de coisas que para nós são do controle dos pais. Ela sai, vai, vem, se relaciona, recebe e visita quem bem entende, sem se preocupar com o que dirá sua mãe”, deplorava, em 1861, Céline d’Ornans em seu estudo comparativo sobre as jovens<sup>13</sup>.

Esta fraca influência materna foi particularmente lamentada em um século que levava ao paroxismo o culto da mãe-educadora; ainda em 1893, Charles de Varigny observava: “é nisso que [a americana] mais choca nossos preconceitos, ela é sua “própria mamãe”, no sentido em que cabe a ela proteger-se, cuidar de si própria, agir com discernimento”<sup>14</sup>.

A segunda razão que levou, em seguida, os católicos franceses a desconfiarem do *self government* foi que este significava a perda da inocência da jovem. Ora, a aquisição do sentimento e da atitude da inocência, que eram modelados a partir da “ignorância dos prazeres do amor”, como mostrava por exemplo o *Dictionnaire des sciences médicales*<sup>15</sup> (Dicionário das ciências médicas), era a pedra angular do processo de educação de suas filhas.

### Virgindade e sedução

Uma das práticas sociais mais freqüentes foi, então, confinar a menina em um universo puro, fora de qualquer referência corporal ou carnal. Não se podia imaginar

transigir com a inocência de um sexo tão angelizado<sup>16</sup>, nem com a castidade, o pudor e a pureza que igualmente faziam parte do ideal católico da virgindade. O fator religioso influenciou consideravelmente sobre as qualidades inerentes à condição de *demoiselle*, afim de que ela fosse vista quase sempre sob uma aura espiritual : “nada representa mais aos meus olhos a imagem da Divindade do que a pureza angelical, este pudor celeste, esta inocência cândida, companheiras inseparáveis de uma jovem virtuosa e bem educada”, expressava-se maravilhado o pedagogo Henri Duval em seus *Conseils aux mères de famille (1840)*<sup>17</sup> (Conselhos às mães de família).

Ao contrário da Igreja da Reforma que desconfiava da excessiva valorização da virgindade<sup>18</sup>, o catolicismo a sacralizava formalmente. A celebração do culto de Maria era sua prova mais contundente, e não foi surpresa ver o abade Gaume, em 1844, em uma obra que avaliava a influência do cristianismo na família, por um lado entusiasmar-se com a figura de Nossa Senhora, “exaltação da mulher”, e por outro, atacar violentamente “a proscricção da virgindade” entre os anglicanos<sup>19</sup>. A proclamação do dogma da Imaculada Conceição em 1854, que constatava e reforçava a popularidade da figura de Maria, agravou os debates teológicos, de tal modo que o pastor Edmond de Pressensé sentiu-se ofendido diante de um “culto efeminado”, dirigido a “uma bela jovem idealizada de maneira insípida”<sup>20</sup>.

Porém, além desta polêmica, outros elementos testemunharam a pouca importância dada pelos protestantes ao preceito da virgindade, como por exemplo a inexistência de uma prática equivalente ao ritual de consagração das *Rosières* - cuja maior virtude era a virgindade, mesmo que esta não representasse por si só a *Rosière*, na França do século XIX.<sup>21</sup> E igualmente a maneira diferenciada de acolher a jovem seduzida. Para a Igreja Católica, ela era impura, e tinha se precipitado em um estado de decadência absoluta. Irremediavelmente culpada, tanto aos olhos da religião e da moral social, que não lhe perdoavam o fato de haver dilapidado seu precioso capital virginal e matrimonial, quanto aos olhos da lei que a considerava responsável por sua honra desde a idade de quinze anos; ela era impedida de dar queixa contra seu sedutor ou instaurar processo de investigação de paternidade (Código Civil, decreto de 21 de março de 1803), devendo então suportar sozinha a rejeição da sociedade e os tormentos da culpa. A ética protestante levava a uma leitura oposta do erro, onde a jovem era vítima e o sedutor um vil canalha, e oferecia uma prática judiciária concreta visando a preservar a jovens de atos libertinos<sup>22</sup>.

Na maior parte dos países de tradição protestante, uma jovem podia, efetivamente, fazer acusações contra um *lovelace* que rompesse uma promessa de casamento, reclamar indenizações como reparação dos prejuízos que imaginava haver sofrido, e em caso de gravidez, solicitar à justiça a determinação da paternidade de seu filho<sup>23</sup>; na realidade, uma quantidade de aborrecimentos dos quais os códigos napoleônicos cuidadosamente poupavam os franceses. Alexis de Tocqueville observou que na França, desde a Monarquia Censitária, as queixas de estupro apresentadas pelas mulheres eram vistas com desconfiança, e as acusações raramente formalizadas, enquanto que nos Estados Unidos ele era condenado pela opinião pública e punido com a morte pelos legisladores<sup>24</sup> - : “Isto se explica : como os americanos não concebem algo mais preciosos do que a honra da mulher, nem nada tão respeitável quanto sua independência, acham que não existe castigo suficientemente severo para aqueles que a retiram, contra a vontade dela”<sup>25</sup>.

Os franceses de passagem pela Inglaterra e pelos Estados Unidos não podiam deixar de se admirar com esta divergência fundamental em matéria de proteção judiciária

para a mulher e desaprovação unânime da conduta do homem. A partir do Segundo Império, quase todos os relatos de viagem consagravam algumas linhas ou páginas ao assunto, os homens mostrando muitas vezes uma ponta de medo ou de amargura. Assim, por exemplo, Alfred Alibert observava que a *miss* era lastimada e consolada o tempo todo, enquanto que o sedutor “perdia sua posição; as portas lhe eram fechadas, duvidava-se dele, era evitado e visto como um homem mau e perigoso; ficava marcado por um estigma infame (...). A reprovação não atingia somente sua vida mundana, mas também os negócios, a profissão, o seu futuro”<sup>26</sup>.

Oscar Comettant observou, por sua vez, que as “afortunadas jovens do Novo Mundo” tinham todos os direitos e permissões, elas podiam “declarar pai qualquer homem da sociedade que merecesse minimamente esta distinção”, depois de prestar um “juramento sacrílego”, porém, ele reconhecia que os abusos eram raros<sup>27</sup>.

Ao contrário, a feminista Olympe Odouard alegrava-se ao constatar que a lei e a sociedade americanas estavam ao lado da jovem e acrescentava, num tom meio caricatural, que elas podiam se vingar empunhando um revolver e atirando na cabeça do traidor<sup>28</sup>.

### Co-educação versus separação dos sexos

Além das feministas, raras vozes manifestaram-se em favor da reinscrição no código penal da investigação de paternidade, possível no Antigo Regime e suprimida pelo código penal no Primeiro Império<sup>29</sup>, sendo que as críticas foram dirigidas sobretudo à pobreza da instrução dispensada às jovens e ao caráter por demais autoritário da educação que as mantinha numa eterna modéstia, mais acentuada ainda quando se tratava de seus encontros com o sexo masculino. Ainda uma vez, a comparação com as experiências anglo-saxônicas que privilegiavam o princípio da co-educação dos sexos e a espontaneidade das relações entre meninas e rapazes, impunha-se.

No panorama da formação intelectual, os Estados Unidos asseguravam um nível de conhecimentos quase igual às meninas e aos meninos, permitindo naturalmente a elas, na maioria dos casos, o acesso aos mesmos estabelecimentos primários, secundários e superiores que eles<sup>30</sup>. As escolhas americanas foram observadas com atenção na França, durante a IIIa República, por ocasião da votação e da aplicação das leis Ferry e Sée, sobre a escolarização das meninas, em meio a polêmicas entre o Estado e a Igreja.

Uma vez reconhecida a necessidade de uma instrução primária e secundária - não mista<sup>31</sup> - mais sólida porém ainda desigual para as meninas, embora estas fossem mais numerosas a chegar às portas da Universidade para dividir os bancos escolares com os rapazes, foram poucos os que, na opinião exacerbada do católico Claudio Jannet, consideraram a coeducação como fonte de uma “terrível desmoralização”<sup>32</sup>. Também Henri Marion, eminente professor na Faculdade de Letras de Paris, após demorada avaliação sobre as vantagens e inconvenientes dos sistemas educacionais em vigor nos países católicos e protestantes, recusou-se a considerar a supremacia moral de uns sobre os outros: “Todas as nossas medidas de cautela, injuriosas à condição humana, não fazem com que na França, e muito menos na Espanha e na Itália, a mulher seja mais respeitada e tenha mais valor moral do que nos países em que as meninas são menos protegidas, sistematicamente menos separadas dos meninos”. Sob um ponto de vista mais pedagógico e prático do assunto, ele pronunciou-se com prudência a favor do ensino misto, o meio mais seguro, segundo ele, de preencher o “abismo que existe entre os dois sexos, de preparar a mulher para a divisão igual, não somente dos privilégios,

como das responsabilidades e encargos que seu papel, cada vez maior e mais nobre, representará em nossas sociedades modernas”<sup>33</sup>.

Na virada do século, quando os estudos superiores para as moças e a sua profissionalização eram questões cada vez mais debatidas na sociedade francesa, os pontos positivos observados no sistema educacional americano foram detalhados por um crescente número de escritores. Muitos voltaram ao princípio da separação dos sexos que, na França, afastava os meninos, da puberdade à entrada na vida adulta, impedindo qualquer convivência antes da contratação do noivado<sup>34</sup>. Esta atitude não era porém nova : os maus casamentos que entregavam jovens ignorantes e sem amor a homens freqüentemente mais velhos, atraídos por um dote, foram criticados desde a Monarquia de Julho, por exemplo, pelos seguidores de Saint Simon e por George Sand.

No Segundo Império, os protestos foram mais fortes, vindos com mais freqüência de representantes da sociedade, sensibilizados com as condições do casamento destas jovens e preocupados igualmente com a banalização do adultério permitido nas uniões desarmonizadas<sup>35</sup>. Além do restabelecimento do divórcio em 1884, os costumes evoluíram, durante a IIIa República, para um abrandamento do regime das proibições e dos rituais que caracterizavam os encontros entre os jovens dos dois sexos. Mais audaciosa ainda, a questão dos “conhecimentos” que uma jovem deveria possuir antes do casamento e da noite de núpcias era colocada abertamente.

Os observadores do modelo americano da co-educação dos sexos, embora um pouco surpresos em constatar que tanto as moças como os rapazes estudantes de Universidade, podiam receber livremente em seus quartos, destacaram naturalmente seu papel preparatório para a “vida real”<sup>36</sup> : Assim, Marie Dugard observou que para os americanos a co-educação tinha “o mérito de estar em acordo com as tradições dos Estados-Unidos, com o método da natureza e da sociedade, onde não se vê separação artificial entre os seres, além de contribuir para a união da vida familiar, onde a maior causa de desentendimento é, normalmente, a diferença de gostos e opiniões, acentuado pela a educação separada”<sup>37</sup>.

Outros, sobretudo mulheres, introduziram o que se define em parte hoje pelo conceito de *gender*<sup>38</sup> e deram destaque à construção social e cultural dos sexos. Elas mostraram como a convivência no dia-a-dia entre meninas e meninos podia modificar o equilíbrio das qualidades habitualmente atribuídas aos sexos feminino e masculino : “Nestas relações quotidianas, as meninas adquirem virilidade, os meninos mais doçura e gentileza”, observou Anna Amieux, professora no Liceu Victor Hugo em Paris, enquanto que *Miss Meylan*, professora da Universidade de Lausanne, lembrava que as “qualidades ou os defeitos não pertencem a um único sexo, mas fazem parte da humanidade como um todo, sendo que a educação produziu algumas características em cada um dos dois sexos”, atribuindo coragem e honestidade à mulher, castidade e doçura ao homem<sup>39</sup>. *Miss Meylan* que relatou ser o ensino misto visto como “abominável” em todas as instituições católicas dos Estados Unidos, não tendo sido adotado por nenhuma delas, insistia ainda na importância do *self government*, tanto como princípio regulador das relações meninas-meninos, como fator essencial de êxito, através da co-educação, na educação de jovens dos dois sexos<sup>40</sup>.

Certos aspectos da co-educação à americana não deixaram de interessar os franceses : a “estudante”, nova imagem da jovem na IIIa República, precisou certamente suportar os sarcasmos e ultrapassar os obstáculos institucionais para tentar se impor na França<sup>41</sup>, porém, em contra partida, muitos levavam em consideração os benefícios da convivência precoce entre os dois sexos e sugeriam uma maior flexibilidade dos códigos

que regiam estas relações. Particularmente, desejava-se que os jovens prometidos em casamento pudessem se conhecer de modo diferente daquele que previa alguns encontros vigiados antes do noivado, o que explicava uma apreciação relativamente compreensiva das práticas do *flirt*<sup>42</sup>. Entretanto, a jovem francesa dos períodos da Monarquia Censitária e do Segundo Império, vivia normalmente, enquanto as *misses* inglesas divertiam-se com o jogo do *flirt* e do *sweet heart*<sup>43</sup> e a anglofilia continuava muito forte entre as elites francesas.

Porém, a partir do início da IIIa República, os olhares dirigiram-se para os Estados Unidos que, em plena fase do desenvolvimento industrial dos anos 1870-1890, reuniam-se ao clube das grandes potências, antes do fim do século. A partir de então, a americana suplantou a inglesa quando se tratava da abordagem de modelos educacionais e de permissividade de costumes.

### O flerte à americana

Os escritores da *Belle-Epoque* compreenderam perfeitamente o *flirt* à americana e fizeram dele e da mulher americana um assunto da moda<sup>44</sup>. Certamente, uma parte da produção literária continuou a falar das inglesas, iniciadoras históricas do *flirt* com intimidades, assunto tão provocador<sup>45</sup>, que o romancista Jean Malic escreveu que se atribuía às jovens inglesas, “por ironia, sem dúvida”, uma liberdade de comportamento não encontrada entre as americanas<sup>46</sup>; entretanto, foi a *yankee*, denominação recorrente na literatura do fim do século, quem excitou as curiosidades a partir de então.

Em alguns autores mais americanizados, o flerte foi legitimado como sendo uma “brincadeira inocente”<sup>47</sup>, que permitia às jovens se entregarem a um estudo escrupuloso de caráter, prelúdio de um casamento harmonioso :

Os americanos gostam de flertar, isto é, de fazer a corte, o que não deixa de ser agradável ; passa-se seis meses trocando palavras ternas e depois, se isto não tiver sucesso, recomeça-se em um outro lugar. Isto deve ter seu charme e não critico esta prática, muito mais natural e moral, na realidade, do que nosso sistema que limita o pedido de casamento a conveniências sociais e financeiras, discutidas friamente pelas cabeças realistas dos pais. Para a americana, a questão essencial é julgar ela mesma o seu marido ; em resumo, é ela quem se casa e quem consulta, antes de tudo, seu gosto, sua inspiração ; acho isto ótimo,

declarou Georges Léony, jovem burguês em vias de casar-se com uma americana em *Français et Américaine* (1871)<sup>48</sup> (Francês e Americana).

Transposto para a sociedade francesa, este comportamento bastante conhecido e intitulado pelos escritores de À americana!, era considerado sinônimo de rebeldia em uma jovem que se opusesse às estratégias matrimoniais de seus pais, para esposar o eleito do seu coração, escolhido por ela<sup>49</sup>. Em *Américaine* (Americana), um romance de Georges Boutelleau (1886), a oposição cultural foi claramente formulada quando a jovem heroína, órfã de mãe americana, desde a idade de quatro anos, enfrentou seu pai - nobre magistrado francês - que não permitia sua união com o homem que ela própria havia pedido em casamento : “De onde vem esta atitude rebelde ?, Tu mesmo, de onde vens? Não te reconheço mais. - Eu venho do país onde não se esmagam corações por prazer, do país de minha mãe, do país da liberdade, eu sou americana”<sup>50</sup>.

Na comparação estabelecida com a tradição inglesa, a diferença aparecia com a jovem americana, oriunda de uma nação nova, mais espontânea, mais expansiva pois escapava ao processo de auto-sujeição secular que regia os comportamentos das sociedades do velho continente. Ela se apresentava igualmente como uma jovem sadia,

forte e esportiva<sup>51</sup>, em uma época em que os franceses, traumatizados pela derrota de 1870, estavam atormentados pela idéia de sua deterioração : “Eles são todos muito bonitos, estes Dickson (...) toda esta raça americana humilha terrivelmente nossas fraquezas. Temos ar de anêmicos (...) ao lado destes colossos de pedra talhada”, considerava um dos heróis aristocratas do romance de Jules Claretie, *L'Américaine* (A americana) (1892)<sup>52</sup>.

Entretanto, o crescimento do poderio deste povo novo, protestante, seu êxito econômico e o lugar privilegiado que pareciam reservar às mulheres, irritava muitos franceses, convencidos da superioridade de sua civilização : “Surpreendo-me ao encontrar em um país tão religioso (...) este culto à mulher, este permanente ajoelhar-se diante da esposa ou da filha, tendo em uma mão o incensório, na outra o talão de cheques ; estas práticas existiram entre nós, excetuando o talão de cheques, porém em uma época de semi-barbárie”<sup>53</sup>.

Não devemos igualmente nos admirar que, em um clima de americanofobia latente, desfilassem imagens e retratos antipáticos das *misses*. Elas eram viris e selvagens, intrigantes e manipuladoras, falsas e desonestas, interesseiras e por vezes, violentas<sup>54</sup>. Em *Miss Don Juan, confession d'une Américaine* (Senhorita Don Juan, confissão de uma americana), um romance de Hugues Lefort (1904), a caricatura virava farsa grotesca e lasciva<sup>55</sup>.

Sem dote, como pregavam geralmente os costumes americanos, as jovens eram acusadas de seduzir os franceses - sobretudo os aristocratas, de quem elas buscavam o prestígio do nome<sup>56</sup> - através do flerte e graças a seu charme físico<sup>57</sup>. Os viajantes de passagem pelos Estados Unidos contavam em detalhes, um pouco incrédulos, mas de forma divertida, o gestual do flerte : no início do Segundo Império, eles se admiravam vendo os jovens “abraçarem” sua eventual namorada, segurá-la pela cintura, trocar publicamente beijos com ela<sup>58</sup>. O “*Club des libres amours*” (Clube dos amores livres), em Nova York, onde aconteciam práticas libertárias e flertes, sob a influência das teorias de Fourier, foi lembrado por Oscar Commetant como uma curiosidade local condenável:

Reuniam-se duas vezes por semana, para dançar, cantar, pregar a emancipação da mulher e flertar à vontade (...). Toda essa gente estava ingenuamente convencida de que o primeiro e mais imutável dos direitos era ter o coração sempre à disposição da pessoa por quem ele batesse. Naturalmente, este clube condenava o casamento como um compromisso que se viola muitas vezes em nome do coração, quando não se viola o coração em nome do compromisso. Tais teorias não devem ser discutidas, e a voz geral as condena<sup>59</sup>.

Mais tarde, na véspera da Primeira Guerra mundial, o jornalista Emile Deschamps referiu-se a um professor que tinha vindo para dar, em um colégio de moças de Boston, uma conferência sobre a arte e a maneira de dar beijos e sobre a maneira pela qual se podia reconhecer a universidade de origem de uma moça, pela sua maneira de beijar<sup>60</sup>.

Sobretudo a partir de meados da década de 1880, os romancistas importaram, com um certo cuidado, o modelo do flerte à americana, revisto e corrigido para o grande público francês. Eles mostravam jovens naturalmente insolentes, que andavam de bicicleta e, pequena ousadia suplementar, liam Sapho, na moda desde a publicação das obras de Alphonse Daudet e de Jean Richepin, em 1884<sup>61</sup>. No que diz respeito ao amor, eles decidiram que as demoiselles haviam rompido com a inocência romântica, excitaram-se avaliando o exato teor de seu conhecimento sobre as “coisas da vida”, e atribuíram a elas a iniciativa no jogo amoroso<sup>62</sup>.



Em 1894, Marcel Prévost provocou escândalo com o seu *Demi-vierges* (Meias-vingens), jovens emancipadas e praticantes efetivas do flerte, em um momento em que apenas se iniciava o debate sobre um eventual aprendizado teórico da sexualidade para as moças. Para os médicos, tratava-se sobretudo de prevenir o perigo das doenças venéreas, e para alguns espíritos femininos avançados, reabilitar o corpo e a função sexual<sup>63</sup>.

Com raras exceções<sup>64</sup>, as feministas não abordaram o assunto antes da Primeira Guerra mundial, tendo sido precedidas nisto por Victor Margueritte, autor de um discurso romanesco em favor de uma iniciação das moças nos “mistérios da vida”, uma das expressões da época :

[ Marta, moça moderna, a Jacques, rapaz convencional]: Os homens, com sua ignorância, têm sempre medo de que as mulheres se liberem da sua submissão! (...) então me explique porque uma educação que vocês consideram excelente para vocês seria prejudicial para nós ? E o que podemos perder desvendando algo, onde nossa curiosidade, ao contrário, vê apenas mistério ? ... O mistério ! nada de mais tentador e perigoso do que isto ! ... é a sombra que muitas vezes cria o pecado. A ignorância, em tais assuntos, é pernicioso. Uma luz clara é mais conveniente. Quando um ato vai decidir uma vida inteira, qual é o inconveniente de se estar preparado para ele ? E em que poderíamos ser diminuídas aos olhos de vocês, porque nossas professoras nos teriam iniciado, como seus professores fazem com vocês, através dos estudos de fenômenos de preferência ... naturais, sim, e o conhecimento de todas as nossas funções e deveres ? (Jeunes filles, 1908) (Moças)<sup>65</sup>.

Durante a Monarquia Censitária e o Segundo Império, visto sob um olhar por vezes benevolente, o modelo educacional protestante foi, em seguida, fortemente ridicularizado e desaprovado pelos observadores sociais e escritores da *Belle Epoque*. Assistia-se, de certo modo, a entrada em cena da jovem americana, tema de estudos e ficções, agora mais atraente do que a miss inglesa, relegada a segundo plano. Às divergências religiosas, por vezes obstinadas, expressas pelos defensores da cultura católica, acrescentava-se uma desconfiança quase hostil do modelo social e cultural proposto pelos Estados Unidos, que por ser mais igualitário concedia às mulheres - sobretudo às jovens - muito mais respeito e liberdade do que oferecia a França.

As americanas, a quem muitos atribuíram uma influência desmedida sobre seus companheiros<sup>66</sup>, eram freqüentemente reduzidas às práticas aviltantes associadas ao flerte, geradoras de desordem social e moral : “Por seus dogmas infalíveis e seus mandamentos invioláveis, o catolicismo coloca uma barreira nesta explosão dos costumes, que já ameaça e assusta o protestantismo. (...) Já os jovens protestantes escolhem suas mulheres entre as moças que cresceram à sombra dos santuários católicos. Eles querem mulheres para a vida e não espíritos fortes que, na primeira discussão, procurarão em uma nova relação distrações legais indignas de uma cristã”, escrevia vangloriosa, em 1890, a Marquesa San Carlos de Pedroso, para quem não existia outra salvação senão a católica<sup>67</sup>.

A comparação entre a formação intelectual, moral e prática das demoiselles francesas e a educação moderna “à americana” - com tudo o que a expressão pudesse por vezes comportar de preconceitos e de sonhos, mas também de uma busca prudente e emancipadora - tornou-se um exercício de estilo na moda, na sociedade da *Belle Epoque*. A tal ponto que, em seguida à polêmica provocada pelas obra *Demi-vierges* de Marcel Prévost, Olivier de Tréville teve a idéia de realizar uma enquête de tipo sociológico junto a milhares de jovens, iniciativa bastante inovadora (*Les jeunes filles peintes par elles-mêmes. Réponse aux Demi-vierges, 1901*)<sup>68</sup> (As moças descritas por elas mesmas. Resposta às meio-vingens). À pergunta formulada “Existem dois tipos de educação de

família, para as moças : a educação “fechada” (a de antigamente) e a educação “aberta” (a moderna, denominada também “à americana”. Sua opinião sobre uma e outra ? Qual delas você escolhe ?”, apareceram 25 respostas : 3 eram pela educação americana, 3 contra, 11 pregavam o meio termo e 8 foram incapazes de escolher.

O debate, longe de haver terminado com a Primeira Guerra mundial, continuou, cresceu e encarregou-se de novas projeções delicadas : “A última guerra, que foi para as mulheres um afrodisíaco sangrento, aumentou na jovem seus desejos de igualdade, mesmo sexual, sua necessidade de não mais ser protegida, controlada, tratada como menor e como criança<sup>69</sup>. Foi preciso esperar a segunda metade do século XX para ver os grandes princípios do modelo educacional protestante se afirmarem plenamente na sociedade francesa.

## Notas

<sup>1</sup> Este artigo foi publicado inicialmente no Bulletin de la Société de l’Histoire du Protestantisme Français, t. 146, jan.-mar. 2000. pp. 49-68. No título, a autora faz um jogo entre as palavras “senhorita” em francês e inglês para frisar a oposição entre dois modelos educativos na França do século XIX, mantidos aqui. Durante o texto, a autora se utiliza de inúmeros termos em inglês, os quais foram mantidos nessa tradução. No texto original, a autora acresceu um anexo sobre o flerte e a jovem americana na literatura francesa, suprimido nesta tradução (N.R.)

<sup>2</sup> Para a primeira parte do século, fiz um primeiro desenvolvimento em “Les influences religieuses sur l’éducation sentimentale des jeunes filles dans la première moitié du XIXe siècle (France et pays anglo-germaniques)”, Foi, fidélité, amitié en Europe à la période moderne. Mélanges offerts à Robert Sauzet. Tours, Université François Rabelais, 1995. pp. 341-354.

<sup>3</sup> Ver Michela DI GIORGIO, “La bonne catholique”, Histoire des femmes en Occident, t. 4 : Le XIX siècle, dir. Geneviève Fraisse e Michelle Perrot, Paris, Plon, 1991. pp. 169-197.

<sup>4</sup> Françoise MAYEUR, L’Education des filles en France au XIXe siècle, Paris, Hachette, 1979. 207 p.

<sup>5</sup> Ver Francis MARCOURIN, “Une éducation contre le monde : les bibliothèques de la jeunesse catholique”, L’Education des filles au temps de Georges Sand”, dir. Michèle Hecquet, Arras, Artois Presses Université, p. 121-129.

<sup>6</sup> Claire de REMUSAT, Essai sur l’éducation des femmes, Paris, Ladvocat, 1824, p. 117.

<sup>7</sup> Adrienne-Albertine NECKER DE SAUSSURE, L’Education progressive, ou l’étude du cours de la vie, Paris, Sautet, 1828, t.1, p.13.

<sup>8</sup> Paris, Didier, 1841, cap. IX, p.73.

<sup>9</sup> Marie d’AGOULT, Mémoires, souvenirs et journaux, Paris, Mercure de France, 1990, t.1, p. 175 e 197.

<sup>10</sup> Paris, Librairie théâtrale, 1856, p. 82.

<sup>11</sup> Olympe ODOUARD, North-America. A travers l’Amérique, Paris, Dentu, 1871, p. 347.

<sup>12</sup> Comment on fait son chemin dans le monde. Code du savoir-vivre, Paris, Lévy, 1868, p. 177 e seg.

<sup>13</sup> Céline d’ORNANS, “L’Amérique” in La jeune fille chez tous les peuples, Paris, Rigaud, 1861, p. 90.

<sup>14</sup> Chales de VARIGNY, La Femme aux Etats-Unis, Paris, Colin, 1893, p. 87. Ver também Claudio JANNET, Les Etats-Unis contemporain, ou les moeurs, les institutions et les idées depuis la guerre de Sécession, Paris, Plon, 1876, p. 215.

<sup>15</sup> Dictionnaire des sciences médicales, Panckoucke, 1812-1822, t. 46, artigos “pudor’e “pudicicia”. Sobre este ponto, ver igualmente Yvonne KNIBIEHLER, “Les oies blanches”, “De la pucelle à la minette. Les jeunes filles de l’âge classique à nos jours, Paris, Messidor, 1983, p. 91-117.

<sup>16</sup> Ver Arthur CHIMKOVITCH, Jocelyn et la Chute d’un ange : contribution à l’étude de la notion d’ “ange” dans la littérature du XIXe siècle, Dissertação de Mestrado orientada por W. Smekens, Université de Gand, 1987.

<sup>17</sup> Paris, Jouhanneau, 1840, p.8.

- 18 Jean BAUBEROT, “De la femme protestante”, *Histoire des femmes en Occident*, t. 4, op. cit., p. 199.
- 19 Abbé GAUME, *Histoire de la société domestique chez tous les peuples anciens et modernes, ou influence du christianisme sur la famille*, Paris, Gaume frères, 1844, p. 468-469 e 472.
- 20 Edmond de PRESSENSE, “L’Immaculée Conception. Histoire d’un dogme catholique romain ou comment l’hérésie devient un dogme”, Paris, librairie Meyrueis et Cie, extraído da *Revue chrétienne*, no 1, janeiro de 1855, p. 16.
- 21 As Rosières eram as jovens donzelas a quem eram atribuídas coroas de rosas como recompensa por suas virtudes (N.T).
- 22 A este respeito, é significativa a reação do jovem protestante Paul Broca - então estudante de medicina -, ao saber do “erro” de uma senhorita sua conhecida : em 1844, em uma carta à sua mãe, ele se mostrava consternado pela jovem, antes de perguntar: “Não se sabe nada a respeito do sedutor, mil vezes mais condenável do que ela ?”, *Correspondance 1841-1857*, Paris, Schmidt, 1886, carta de 28 de fevereiro de 1844, t. 1, p. 191.
- 23 Ver Claudio JANNET, *Les Etats-Unis contemporains*, op. cit., p. 259 e Lawrence STONE, *The family, Sex and Marriage in England 1500-1800*, London, Weidenfeld and Nicolson, 1977, p. 607 et seguintes.
- 24 O art. 332 do antigo código penal francês fixava entretanto a pena máxima com “trabalhos forçados temporários”. Ver a este respeito, Georges VIGARELLO, *Histoire du viol, XVI-XXe siècle*, Paris, Seuil, 1998, p. 151 e p. 175.
- 25 Alexis de TOCQUEVILLE, *De la démocratie en Amérique*, edição Eduardo Nolla, Paris, Vrin, 1990 (1835 e 1840), p. 180 do t. 2.
- 26 Alfred ALMBERT, *Flânerie parisienne aux Etats-Unis*, Paris, Librairie théâtrale, 1856, p. 79-80.
- 27 Oscar COMETTANT, *Trois ans aux Etats-Unis. Etude de mœurs et coutumes américaines*, Paris, Pagnerre, 1857, p. 70.
- 28 Olympe ODOUARD, *North-America. A travers l’Amérique*, Paris, Dentu, 1871, p. 358.
- 29 Ver, por exemplo, Alfred ASSOLANT, *Le Droit des femmes*, Paris, Anger, 1868, p. 77-78 e Louis FRANK, *Cours sur la législation féministe*, Bruxelles, imp. More, 1895, p.4.
- 30 No conjunto do território dos Estados Unidos, predominava o sistema da coeducação dos sexos . Muito mais rapidamente do que na Europa, as moças tinham acesso ao ensino superior. : Mount Holyoke, primeiro colégio universitário para mulheres, abriu em 1837, no mesmo ano em que abriu Oberlin, primeiro estabelecimento de ensino superior misto. Ver Miss F. Th. MEYLAN, *La Coéducation des sexes, étude sur l’éducation supérieure des femmes aux Etats-Unis*, Bonn, Georgi, 1904, 181 p.
- 31 A educação mista podia existir em algumas escolas, por razões financeiras ; porém, este tipo de escolarização não dizia respeito, é evidente, às jovens da burguesia e da aristocracia.
- 32 Claude JANNET, *Les Etats-Unis contemporains*, op.cit., p. 390.
- 33 Henri MARION, *L’Education des jeunes filles*, Paris, Colin, 1902, p. 56 e p. 58
- 34 Ver Gabrielle HOUBRE, *La Discipline de l’amour. L’éducation sentimentale des filles et des garçons à l’âge du romantisme*, Paris, Plon, 1997, 444 p.
- 35 Ver, por exemplo, Théodore REVEL que examina juridicamente o problema do adultério em *L’Adultère*, Paris, Dentu, 1861, p. 176 ou Victor FRANKLIN-BERGER, *L’Adultère, sa cause, ses effets, les moyens de le prévenir*, Paris, impressora Malteste, 1867, 60 p. Ver igualmente Alain CORRIN, “La fascination de l’adultère”, *Amour et sexualité en Occident*, Paris, Seuil, 1991, p. 133-142.
- 36 Paul ESCARD, *La jeunesse universitaire américaine*, Paris, Société d’Economie sociale, 1902, p.13.
- 37 Marie DUGARD, *La Société américaine, mœurs et caractères, la famille, rôle de la femme ...*, Paris, Hachette, 1896, p. 246.
- 38 Em inglês no original (N.R.).
- 39 Anna AMIEUX, “Impressions de voyage sur les jeunes filles et les femmes américaines”, *La Française*, 9 de fevereiro de 1908 e Miss F.Th. MEYLAN, *La Coéducation des sexes*, op. cit., p. 141-142.
- 40 Miss F. Th. MEYLAN, *La Coéducation des sexes*, op. cit., p. 94 e p. 18.
- 41 Carole LECUYER, *Une nouvelle figure de la jeune fille sous la IIIe République : l’étudiante*, *Le temps des jeunes filles*, no 4 de CLIO, *histoire, femmes et sociétés*, 1996, p. 166-176.

- 42 Ver, por exemplo, Hyppolite TAINE, Notes sur l'Angleterre, Paris, Hachette, 1890 (1872), p. 104 e Comtesse DASH, Comment on fait son chemin dans le monde, op. cit., p. 179. Para uma apresentação geral do flirt, ver Fabienne ROSAZ, Le Flirt. Pratiques et représentations en France à la fin du XIX siècle et à l'aube du XXe siècle, dissertação de mestrado em história, sob a orientação de Alain Corbin, Paris I - Sorbonne, 1993, 156 p.
- 43 "Sweet heart significa coração suave, compromisso terno, amante ; e as *misses* vêm e recebem o sweet heart quando bem entendem, mesmo em sua família", artigo assinado V. de S., Le flâneur. Cicérone des étrangers à Paris. Journal non politique, 1837, no 31.
- 44 Ver a lista não exaustiva que foi anexada.
- 45 Ver, por exemplo, Eugène ADENIS, Flirtation, monólogo em versos dito por Coquelin aîné ( associado da Comédie Française), Paris, Ollendorf, 1884, p. 11 ; Edouard BONNAFFE, Flirt, Mâcon, imp. de Protat, 1888, 29p. ; Lionel RADIGUET, Flirts, Paris, Savine, 1891, 269 p. ; Léon MICHAUD d'HUMIAC, Miss Cherry, professeur de flirt, Paris, Ollendorf, 1897, 36 p.
- 46 Jean MALIC, Flirtage, Paris, Lévy, 1885, p. 7.
- 47 Alfred ALMBERT, Flânerie parisienne aux Etats-Unis, op. cit., p. 85.
- 48 Jules IMBS, Français et Américaine, Bruxelles, Labègue, 1871, p. 48.
- 49 Ver Pierre HUGUENIN, À l'Américaine!, Paris, Lemerre, 1897, 262 p.
- 50 Georges BOUTELLEAU, Américaine, Paris, Ollendorf, 1886, p. 187.
- 51 Ver, por exemplo, o personagem de Suzanne de Fonvielle, americana por parte de mãe, natureza petulante, sempre em movimento, excelente nadadora e amazona, in George BOUTELLEAU, Américaine, op. cit.
- 52 Paris, Dentu, 1892, p. 11.
- 53 Henri d'ALMERAS, La femme amoureuse dans la vie et dans la littérature, étude psycho-physiologique, t. 5 : La Jeune fille, Paris, Albin Michel, 1925, p. 284.
- 54 Ver Céline d'ORNANS, "L'Amérique", op. cit.; Auguste MONNIER-WISSOCQ, Flirts. Silhouettes de jeunes filles étrangères, Paris, Stock, 1903, 143 p. ; Comtesse de CHABRILLAN, L'Américaine, representada pela primeira vez em Paris em 3 de abril de 1870, Paris, Estienne, 1870, 99 p. ; Pierre SALES, Aventures parisiennes. L'Américaine, opereta em 1 ato, música de Francis Chassaingne, representada pela primeira vez no Eldorado (Paris), Paris, Le Bailly, 1878, 24 p.
- 55 Paris, livraria contemporânea, 1904, 294 p. Encontramos aí, entre outras coisas, suicídio, estupro, lesbianismo, aborto, poligamia com um pele-vermelha, assassinato ... tudo isto contado alegremente em uma "comédia".
- 56 Comtesse de CHABRILLAND, L'Américaine, op. cit. e Pierre SALES, Aventures parisiennes ..., op. cit.
- 57 Michel PROVINS, L'Ecole des flirts, comédie em três cenas, precedida de uma conferência sobre o amor moderno e o flirt, Paris Ollendorf, 1899, p. 11.
- 58 Oscar COMETTANT, Trois ans aux Etats-Unis, op. cit., p. 74-76.
- 59 Ibid, p. 86.
- 60 Emile DESCHAMPS, Les Femmes de l'oncle Sam, Paris, Maisonneuve, 1913, p. 52-53.
- 61 Albert CLAIROUIN, Le Flirt, peça em 3 atos, representada a primeira vez no Théâtre mondain, em 15 de janeiro de 1897, Paris, Briquet, 1897, 39 p. Sobre Sapho, ver Jean DEJEAN, Sapho. La fiction du désir : 1546-1937, Paris, Hachette, 1994 (1989), p. 225 e segs. Sobre a literatura e o anti-feminismo da Belle Epoque, ver Annelise MAUGUE, "Littérature antiféministe et angoisse masculine au tournant du siècle" e Florence ROCHEFORT, "L'antiféminisme : une rhétorique réactionnaire", Un siècle d'antiféminisme, Paris, Fayard, 1999, p. 69-83 e p. 133-147.
- 62 Ver Gabrielle HOUBRE, "La Belle Epoque des romancières", Le Dix-neuvième siècle à l'épreuve du genre, publicação do Centre d'Etudes romantiques de l'Université de Toronto, Canadá, 1999, p. 183-197.
- 63 Yvonne KNIBIEHLER, "L'éducation sexuelle des filles au XIXe siècle", Le temps des jeunes filles, no 4 de CLIO, histoire, femmes et société, op. cit., p. 140-141.
- 64 Madeleine PELLETIER, L'Education féministe des filles, 1914, reeditado por Claude Maignien, na Syros, em 1978.
- 65 "Victor MARGUERITTE, Jeunes filles (ilustrações de Simont, romances suplementos de L'Illustration,

suplemento de 16 de maio de 1908, p. 33.

<sup>66</sup> Emile DESCHAMPS, *Les Femmes de l'oncle Sam*, op. cit., p. VII : “A mulher no país de tio Sam, eleva-se, voa, domina, regula e reina como uma déspota sobre seu companheiro masculino - o que lhe dá a ilusão de voar, reinar sobre o mundo”

<sup>67</sup> SAN CARLOS DE PEDROSO (Marquise de), *Les Américains chez eux*, Paris, Librairie de la nouvelle revue, 1890, p. 159. Ver também Claudio JANNET, *Les Etats-Unis contemporains*, op. cit., p. 218.

<sup>68</sup> Olivier de TREVILLE, *Les jeunes filles peintes par elles-mêmes. Réponse aux demi-vierges*, Paris, Ollendorf, 1901, III-602 p. O autor afirma ter interrogado milhares de jovens, provincianas ou parisienses, porém passa os testemunhos de modo anônimo, sem referências. O conjunto continua interessnte para estudo.

<sup>69</sup> Henri d'ALMERAS, *La femme américaine ...*, op. cit., p. 235.